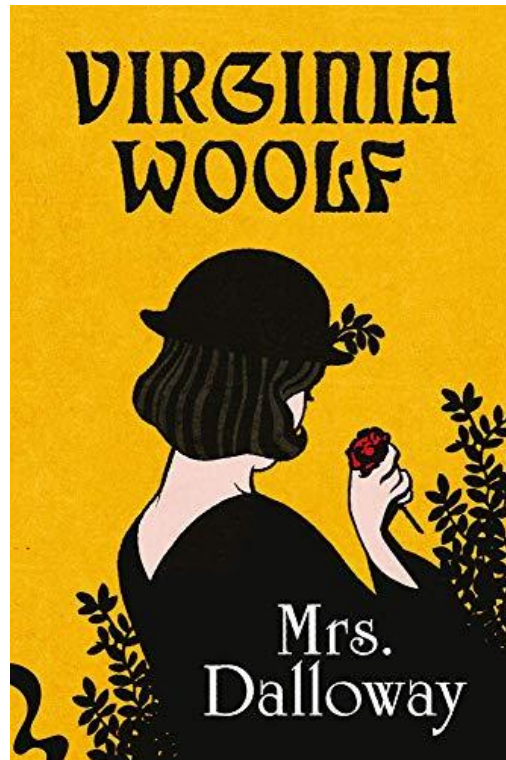


THAIS PAIVA E STEPHANIE FERNANDES TRADUZEM VIRGINIA WOOLF

Por Julieta Widman



Dá-me a tua mão:

Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta. [...] Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço.

Clarice Lispector (1964)

Berman, no artigo *La retraduction comme espace de la traducion*, (1990), diz que “entre duas traduções existe espaço para uma outra tradução”. A tradução, para ele, é a tradução de uma obra que já foi traduzida antes, mesmo que seja para outra língua.

Mrs. Dalloway, publicado em 1925, é considerado o livro mais famoso de Virginia Woolf e já foi traduzido pelo menos oito vezes vezes para o português. A

primeira tradução no Brasil, feita por Mario Quintana, foi publicada pela editora Globo, em 1946. Em 2012, a obra de Virginia Woolf entrou em domínio público e a partir daí vieram as traduções de Denise Bottman (editora LP&M, 2012), Tomaz Tadeu (editora Autêntica, prêmio Jabuti 2012), Claudio Alves Marcondes (editora Cosac Naify, 2013), José Rubens Siqueira (editora Novo Século, 2021), Eliane Fittipaldi Pereira e Katia Maria Orberg (editora Martin Claret, 2021), de Thais Paiva e Stephanie Fernandes (editora Antofágica, 2020) e de Julieta Widman (editora Colenda, no prelo). A existência dessas traduções comprova que cada uma tem o seu espaço em busca da realização: cada tradutor transcreve o texto e não existem duas traduções iguais.

O volume da Antofágica, de capa dura e lombada arredondada, traz uma cinta vertical com informações sobre o livro e tem as guardas lisas. Na contracapa, vemos a pergunta: O QUE SIGNIFICA PARA ELA ESSA COISA CHAMADA VIDA? e é encontrada, no texto, junto à resposta, à página 236. Tem revisão de Natalia Mori Marques e Tássia Carvalho e preparação de Flavia Lago. O projeto gráfico e a capa são de Giovanna Cianelli¹ e as ilustrações de Sabrina Gevaerd. O livro traz também quatro paratextos: a *Apresentação*, por Mellory Ferraz² e três posfácios, *Notas da ilustradora*, por Sabrina Gevaerd³, *Toda a vida em um só dia*, por Ana Carolina Mesquita⁴ e *O êxtase das pequenas coisas*, por Carola Saavedra.⁵

¹ Giovanna Cianelli é designer e ilustradora. Psicodelia e cultura pop são temas recorrentes em seu trabalho. Ganhou ouro na categoria editorial no Latin American Design Awards (2019) e bronze (2020). Ganhadora do prêmio Jabuti 2021, na categoria Projeto Gráfico por *O Médico e o Monstro*, editora Antofágica. (sic)

² Mellory Ferraz é bacharela em Estudos Literários pela Unicamp e pesquisadora da obra de Virginia Woolf. É professora de literatura e redação e revisora freelancer. Em 2010, criou no YouTube o canal Literature-se, no qual desenvolve o trabalho de incentivo à literatura. [sic]

³ Sabrina Gevaerd é ilustradora e artista visual brasileira e atualmente reside em Londres. Seu trabalho apresenta narrativas visuais nas quais a magia transforma a realidade em algo intangível. Já foi atropelada por um ônibus mas passa bem. [sic]

⁴ Ana Carolina Mesquita é tradutora e doutora em Letras pela USP, com tese sobre os diários de Virginia Woolf. [sic]

⁵ Carola Saavedra é escritora e, desde 2019 é professora e pesquisadora na Universidade de Colônia, Alemanha. Está entre os vinte melhores jovens escritores brasileiros escolhidos pela revista Granta. [sic]

As tradutoras Thaís Paiva⁶ e Stephanie Fernandes⁷ mantêm os nomes, pronomes de tratamento em sua forma original e seguem, preferencialmente, a tendência à estrangeirização. Não encontramos perdas semânticas muito significativas, entretanto, uma grande quantidade de deslizes que poderiam ter sido corrigidos pela revisão e/ou preparação. A seguir, damos alguns exemplos:

<p><i>(but that might be her heart, affected, they said, by influenza)</i> (local 8 Kindle)</p>	<p>TL e SF: (ou talvez fosse só o coração dela, alguma sequela da gripe espanhola, diziam) (p. 18)</p> <p>JW: (ou talvez fosse o coração, que diziam ter sido afetado pela influenza)</p>
<p><i>There were Jorrocks' Jaunts and Jollities; there were Soapy Sponge and Mrs. Asquith's Memoirs and Bing Game Shooting in Nigeria, all spread open.</i> (local 92 Kindle)</p>	<p>TL e SF: Ali se encontravam <i>As jornadas e júbilos de Jorrocks, As aventuras de Soapy Sponge</i> e as <i>Memórias e histórias de caçadas na Nigéria</i>, de Mrs. Asquith, todos abertos. (p. 28)</p> <p>JW: Recomenda-se, se uma obra não tiver tradução brasileira, acrescentar depois do título original, a tradução literal, entre colchetes em redondo.</p>
<p><i>Oh! (for that young man on the seat had given her quite a turn. Something was up, she new.)</i> (local 333 Kindle)</p>	<p>TL e SF: Oh! (Pois aquele jovem rapaz na cadeira tirara-lhe mesmo o prumo. Havia algo errado, ela sabia.) (p. 61)</p> <p>JW: jovem rapaz é redundância. <i>To give her quite a turn</i> = dar-lhe um bom susto <i>Something was up</i> = algo estava acontecendo</p>
<p><i>Whereupon Lady Burton resumed the magnificence which letter-writing had shattered.</i> (local 1521 Kindle)</p>	<p>TL e SF: Foi a deixa para Lady Burton recobrar a imponência que a composição da carta estilhaçara. (p. 217-218)</p> <p>JW: Com isso, Lady Burton recuperou a imponência que a redação da carta tinha abalado.</p>

⁶ Thaís Paiva é formada em Produção Editorial (UFRJ) e fez a Formação de Tradutores Inglês-Português (PUC-Rio) (2012). Tem um Coletivo de Tradução, o Pretexto.

⁷ Stephanie Fernandes é formada em Letras e Linguística (USP). Mora no Rio de Janeiro.

<p><i>Looking up, it appeared that each letter of their names stood for one of the hours; subconsciously one was grateful to Rigby & Lowndes for giving one time ratified by Greenwich;</i> (local 1406 Kindle)</p>	<p>TL e SF: Olhando para cima, parecia que cada letra de seus nomes representava uma das horas;(p. 202)</p> <p>JW: Olhando para cima, via-se que cada letra de seus nomes representava uma hora;</p> <p>Nota: RIGBY & LOWNDES = 12 letras, 12 horas</p>
<p><i>She had just broken into her fifty-second year.</i></p>	<p>TL e SF: Tinha acabado de completar cinquenta e dois anos. (p.80)</p> <p>JW: Tinha acabado de fazer/completar cinquenta e um anos. Na Europa, usa-se “entrar no quinquagésimo segundo ano”, quando se completa cinquenta e um. Assim, quando um bebê completa um ano, ele entra no segundo ano de vida.</p>

No posfácio, Sabrina Gevaerd diz: “Mergulhei tão fundo quanto pude nesse dia de verão em julho, enquanto [...]”. É importante apontar que o livro se passa em um só dia de junho! Uma frase difícil, e que Mario Quintana (1946, p. 12), a meu ver, resolveu bem, também, passou despercebida, pois em junho é o começo do verão no hemisfério norte e as árvores estão cheias de folhas:

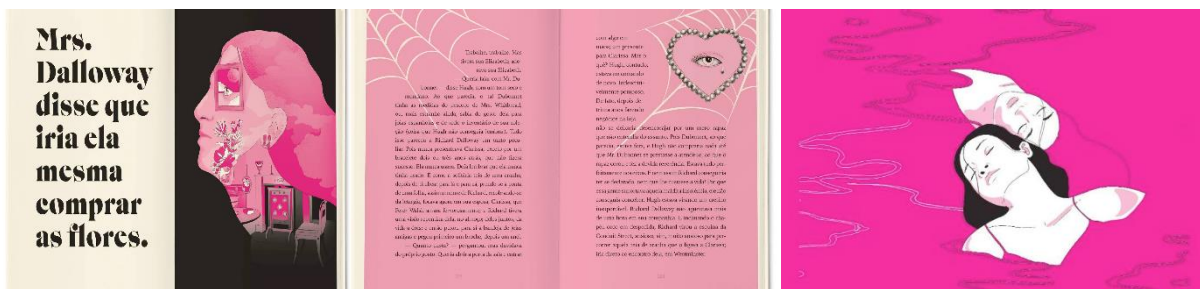
<p><i>(June had drawn out every leaf on the trees. [..])</i> (local 60 Kindle)</p>	<p>TL e SF: (Junho tinha arrancado todas as folhas das árvores. [...]) (p. 23)</p> <p>JW: <i>to drawn out</i> = puxar para o lado de fora; (Junho tinha posto à mostra/exibido todas as folhas [...])</p> <p>MQ: (Junho fizera brotar todas as folhas [...])</p>
--	---

Concordo com os críticos que não simpatizam com notas do tradutor (NT) em tradução literária, pois o tradutor não deve procurar facilitar a leitura, subestimando a inteligência do leitor. No caso de *Mrs. Dalloway*, algumas notas são úteis, até necessárias para o leitor que não conhece Londres, de 1925, mas, nessa edição da Antofágica foram 113. A tradução de Mario Quintana (1946) não

contém nenhuma NT, somente um mapa da zona central de Londres, na década de 1920.

Embora esperada, a diferença entre as línguas modifica um pouco o ritmo da prosa poética pela alteração da pontuação, que é uma questão muito discutida pelos tradutores de poesia. Clarice Lispector dizia: “Agora um pedido: não me corrija. A pontuação é a respiração da frase, e minha frase respira assim. E se você me achar esquisita, respeite também...”

No livro, a ilustradora não informa sua formação nem currículo, diz apenas que reside em Londres e que “já foi atropelada por um ônibus mas passa bem”. Nas informações do posfácio consta que “seu trabalho apresenta narrativas visuais nas quais a magia transforma a realidade em algo intangível”. Essa magia, realmente, não me atingiu. Vemos apenas desenhos, que ela diz “inspirados pela narrativa”, todos em cor-de-rosa e um pouco de preto. Em geral, o rosa... simboliza romantismo, ternura, ingenuidade... talvez seja a cor que menos combina com o clima da obra. E um coração? (p.223) Todos os livros de Virginia Woolf trazem conteúdo autobiográfico e, mais ainda, revelam a intimidade da sua mente: ela se vira do avesso e o interior, para mim, não tem essa cor.



Além disso, o número de ilustrações, mais de 40, é exagerado, parece até competir com o texto. Também não entendi o porquê de tantas mulheres nuas. Por exemplo, na p. 186, o texto descreve uma situação preocupante, séria, em que Septimus está tendo um surto psicótico e Rezia, sua mulher, apavorada, pede para buscarem um médico. A imagem, na página oposta, (p. 187) é de uma mulher nua, dentro de um vaso de flores.



Um livro ilustrado evoca duas linguagens, a das palavras e a das imagens, conduz a uma apreensão conjunta e pede algum conhecimento dos códigos que as compõem. No caso dessa edição, não encontramos uma coerência intersemiótica, como se as duas narrativas fossem quase independentes.

Numa entrevista (tragicômica, principalmente pelo excesso de comunicação gestual das participantes) para o @blogliteraturese, Sabrina Gevaerd diz que é de Santa Catarina, nasceu nos anos 80, fez Faculdade de Design, se formou em Moda, trabalhou em indústria têxtil; depois, ficou um ano e meio em São Paulo e, em 2018, foi para Londres. Nunca se imaginou como ilustradora. *Mrs. Dalloway* é o primeiro livro que ilustrou. Para isso, sentiu que precisava ser íntima do texto: leu o livro, em português, fazendo listas, anotações e uma pesquisa sobre a obra. A ordem das ilustrações foi combinada com o editor, assim como a paleta de cores – o preto e o rosa. Para ela, a gama de expressões está transmitida através dos vários tons de rosa, sendo que a primeira ilustração do livro (p. 15) é a casa e

o olho é um quadro, porque “a casa, na literatura de mulheres, tem muito a ver com a psique, e a casa é a psique feminina”. Diz, ainda, que procurou fazer as imagens “com simbolismo”. Considera que ilustrar é traduzir: a silhueta branca de um homem, em fundo preto (p.95) e, na página seguinte a figura de uma mulher (p. 96), estão em oposição, “como na transparência da folha papel”, e que “são Septimus e Mrs. Dalloway, porque Mrs. Dalloway se vê nele e ele se vê nela, um se vê no outro”. Como as ilustrações não trazem legenda, a entrevistadora achou que essa figura masculina seria Peter Walsh...

No texto, Septimus e Mrs. Dalloway nunca se encontraram, nem se conhecem. Podemos, entretanto, dizer que Septimus Warren Smith é o *alter ego* de Virginia Woolf. Ela já havia tentado se matar atirando-se de uma janela, ouvia vozes, casou-se com um inquilino da família de seu pai. Septimus é uma vítima da Primeira Guerra Mundial, tem alucinações, foi inquilino do sogro, também escrevia e morre, atirando-se de uma janela.

Segundo Virginia Woolf (1925,1932), quando trabalhava para o TLS (*Times Literary Supplements*), um escritor nunca deixa de se envolver ou fazer crítica.

Traduzir Virginia Woolf é difícil, não há uma só palavra sem intenção. Ela escreve desenhando e colorindo e, ao lê-la, também desenhamos e colorimos na imaginação. Caminhamos pelas ruas de Londres, escutamos o Big Ben, sentimos o cheiro das flores e dos peixes, das comidas... é um livro sensorial, desde as primeiras linhas... o ranger das dobradiças... o beijo de uma onda, frio e cortante... Por que, então, ilustrar uma escrita por si já tão ilustrada em palavras?

Mrs. Dalloway colocou Virginia Woolf como uma das principais escritoras da literatura moderna, mas sabemos que também pintava, ocasionalmente, e sua irmã, Vanessa, era pintora. No livro *To the lighthouse* (1927), ela relata a experiência de uma pintora e termina assim:

Lá estava... o quadro. Sim, com todos os seus verdes e azuis, suas linhas subindo e descendo, sua tentativa de algo. Seria pendurado no sótão, pensou ela; seria destruído. Mas o que importava? perguntou a si mesma, pegando o

pincel novamente. Olhou para os degraus; estavam vazios; olhou para a tela; estava borrada. Com uma intensidade repentina, como se a visse com clareza por um segundo, traçou uma linha ali, no centro. Estava feito; estava acabado. Sim, pensou ela, largando o pincel com extrema fadiga, tive minha visão. FIM.

O Modernismo, surgido na primeira metade do século XX, buscava romper com o modelo tradicional. No Brasil, o Modernismo se revelou na cultura, arte, música e literatura, buscando liberdade formal e estética. Entre os nomes que integram o modernismo literário brasileiro temos Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e, é claro, Clarice Lispector. Na terceira margem: Guimarães Rosa...

Numa associação ousada, de minha parte, considero que a linguagem virginiana está para a literatura assim como a Bossa Nova está para a música. Um movimento de renovação, com uma “batida diferente”, que altera as harmonias, com a introdução de acordes não convencionais, além de um inconformismo com o formato musical da época, introduzindo o *canto-falado* ou o *cantar baixinho*, poético, sem compromissos com a realidade objetiva, mas afinadíssimo.

Virginia Woolf fazia parte do Bloomsbury Group e compartilhava a opinião de Roger Fry (1910) de que a literatura não devia ser como uma representação fotográfica acadêmica, mas seguir o exemplo de Cézanne e Picasso. Sua vida esteve sempre ligada à literatura. Nasceu em 1882, seu pai, Leslie Stephen, era crítico literário; casou-se, aos trinta anos, em 1912, com Leonard Woolf, judeu, escritor, editor, membro da Cambridge Apostles, um intelectual. Juntos fundaram a casa editorial Hogarth Press. Ambos sofriam de depressão e tinham combinado de se matarem juntos. Ela se matou em 1941, aos 59 anos, depois que um bombardeio destruiu sua casa em Londres. Leonard morreu em 1969.

Mrs. Dalloway foi escrito a partir do conto *Mrs. Dalloway in Bond Street* (1923) e aparece em outros textos de Virginia Woolf: *The new dress*; *The introduction*; *Together and apart*; *The man who loved his kind*; *A summing up*.

O cinema e o teatro também não deixaram *Mrs. Dalloway* escapar. *Mrs. Dalloway*, filme dirigido por Marleen Gorris (1997) foi a primeira adaptação cinematográfica, protagonizado por Vanessa Redgrave. A Dyad Productions (2014) apresentou *Dalloway* em monólogo de Rebecca Vaughan, no Maltings Arts Theatre. Hal Coarse (2018) fez uma adaptação para o palco, no teatro Arcola, em Londres, com mais de vinte personagens interpretados por cinco atores, suas vozes e personas criavam uma cacofonia. O filme *As horas* (2002), adaptação do romance de mesmo nome de Michael Cunningham, dirigido por Stephen Daldry, narra um dia na vida de três mulheres de gerações diferentes, afetadas pelo romance: Clarissa, interpretada no filme por Meryl Streep, Virginia Woolf, por Nicole Kidman e Laura, por Julianne Moore.

Assim, como ocorre com uma tradução, ou com um quadro, chega o momento em que temos que entregar o trabalho, o ponto final.

BERMAN, Antoine. La retraduction comme espace de la traduction, in: *Palimpsestes N° 4*, Paris: Sorbonne Nouvelle, 1990.

FERRAZ, Mellory. <https://www.instagram.com/blogliteraturese/?hl=en>

FRY, Roger. (1910) Apud Cavalcante, Amanda Pereira e Schwantes, Cíntia Carla Moreira. O Fluxo de Consciência, Discurso Indireto e Flashbacks em *Mrs. Dalloway*, in: *Caderno Seminal nº 40 – Estudos de Literatura: Escrita de Mulheres: prosa em línguas estrangeiras e comparatismos*, UERJ, 2021

LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G.H.* (1964) Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2009.

LIVE: Entrevista - Como é ilustrar um livro? Com Sabrina Gevaerd, Ilustradora de "Mrs. Dalloway". <https://www.youtube.com/watch?v=X6-xQHBjtBI>

Virginia Woolf: *Mrs Dalloway*. Trad. Thais Paiva e Stephanie Fernandes. Rio de Janeiro: Editora Antofágica, 2020; 400 p.

WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. (1925) (English Edition) eBook Kindle. LVL Editions, 2016; https://ler.amazon.com.br/?ref=dbs_p_ebk_r00_pbc_rnvc00&encoding=UTF8&asin=B01FH4O1JE

WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. (1925) Trad. Mario Quintana (1946). [E. especial] Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015; 164 p.

WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. (1925) Trad. Thais Paiva e Stephanie Fernandes. Rio de Janeiro: Editora Antofágica, 2020; 400 p.

WOOLF, Virginia. *To the lighthouse*. (1927)
https://www.gutenberg.org/ebooks/search/?query=to+the+lighthouse&submit_search=Go%21

WOOLF, Virginia. *The Common Reader* (first series 1925, second series 1932). *Genius and Ink: Virginia Woolf on How to Read*. TLS.

WIDMAN, Julieta. A “hipótese da retradução” pelas modalidades tradutórias, nas traduções para a língua inglesa de *A Paixão Segundo G.H.* Dissertação apresentada na USP, para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. 2016.

Julieta Widman é psicanalista (SBPSP), com graduação em Psicologia (USP, 1969 e mestrado em Estudos da Tradução (USP, 2016). Traduziu *The Female Quixote*, de C. Lennox; *Walden* e mais quatro obras de H. D. Thoreau; *Mrs. Dalloway*, *A room of One's Own*, *Orlando* e *To the lighthouse*, de Virginia Woolf, para Ed. Colenda. É membra-fundadora do Grupo de Estudos de Adaptação e Tradução (GREAT, USP) e cursou o Programa de Aprimoramento em Tradução Literária da Casa Guilherme de Almeida (2022).